

MISTY WILSON

Inverno em Bramble Falls



SECRET
SOCIETY

AVISOS DE CONTEÚDO

Agressão sexual

Contacto físico
não consentido

Luto e perda



A todos os que ouvem música de Natal antes do Dia de Ação de Graças e vão buscar as decorações de Natal no dia a seguir ao Halloween. Aos que conduzem à noite só para admirar todas as luzes cintilantes e passam todo o mês de dezembro a ver filmes natalícios. Aos apaixonados pelo inverno que adoram neve, bebem chocolate quente, usam camisolas de Natal pavorosas, fazem bolachas, dão passeios de trenó e constroem casinhas de gengibre. Este livro é para vocês.

Que todos encontremos os nossos Ashers.
(Afinal, esta é a época dos milagres.)



Capítulo Um

A minha mala de viagem emprestada encara-me do cimo da cama, como se me desafiasse a tentar enfiar lá mais alguma coisa.

— Em que estás a pensar? — pergunta o Asher.

O meu melhor amigo está estendido sobre o meu edredão, com o hoodie branco do Clube de Teatro de Bramble Falls, umas calças de fato de treino cinzentas e uma expressão divertida no rosto ao ver-me rosar para a mala.

— Estou a pensar no quão convencida é esta mala — respondo. Uma gargalhada escapa-lhe.

— Desculpa, o quê?

— Olha para ela, ali sentada a gozar comigo por eu ser uma rapariga de uma terra pequena do Connecticut que não faz a mínima ideia do que deve levar para uma cidade incrivelmente espetacular.

— Garanto-te que essa mala não está a julgar-te — diz ele, entrelaçando os dedos atrás da cabeça por entre o cabelo preto despenteado.

Aponto para ela.

— É roxa!

— Okay... e então?

— E então que é óbvio que é uma snob convencida julgadora.

Ele semicerra os olhos na minha direção e abana a cabeça.

— Tu és estranha.

— Gosto de pensar que sou uma *edição limitada*, muito obrigada.

Os cantos dos lábios dele curvam-se num sorriso divertido enquanto se senta e cruza as pernas.

— Porque é que não deixas isso para mais tarde? Talvez para um dia em que um objeto inanimado não consiga ferir os teus sentimentos.

— Não. Estou quase a acabar.

Enfio um par de sabrinas pretas na mala e fecho a mala.

Bem, fecho-a até um certo ponto... o que, na verdade, não é fechada de todo.

— Só vais viajar nas férias de Natal — diz o Asher, observando-me enquanto luto para fechar a mala a abarrotar. — Ainda faltam semanas. Não tens de acabar hoje.

— Já te disse, estou demasiado entusiasmada para esperar.

— Puxo o fecho sem sucesso. — E, convenhamos, se deixar a mala para a última da hora, nós sabemos perfeitamente que vou esquecer-me de coisas.

Um sorriso trocista desenha-se-lhe no rosto.

— Acho que ambos sabemos que te vais esquecer de coisas de qualquer maneira.

Lanço-lhe um olhar fulminante antes de subir para a cama, me sentar em cima da mala e me inclinar para a frente para tentar correr o fecho. Dente após dente, o fecho vai cedendo. A tensão é tanta que fico à espera de que a mala rebente de repente como um canhão de confetti.

— Sabes, a Ellis deve conseguir emprestar-te uma mala maior e menos julgadora — comenta o Asher. — Ou então podias simplesmente não levar tanta roupa.

— E *tu* podias calar-te e ajudar-me.

O Asher suspira e faz-me sinal para sair da frente.

— Vá, mexe-te.

Desço da mala e ele ocupa o meu lugar. O monte de roupa lá dentro achata-se sob o seu peso. Ele prende a enorme lingueta do fecho entre os dedos e puxa.

— Isto é ridículo. Desde quando é que te preocupas em ter um conjunto diferente para cada ocasião possível?

— Desde que uma viagem a Nova Iorque passou a ser uma possibilidade! Como é óbvio! Quem sabe o que eu e a Ellis vamos acabar por fazer? E se ela me levar a uma festa chique de gente rica e a única coisa que eu tiver levado for uma camisa de flanela velha e umas calças de ganga rasgadas?

— Oh, meu Deus, sim, só de imaginar esse cenário hipotético tão aterrador já estou a sentir vergonha alheia — responde ele, com a voz a transbordar de sarcasmo.

Dou-lhe um murro no braço e ele desata a rir.

— Não te lembras de quando fizemos uma maratona de *Gossip Girl* no verão passado?

— Como é que havia de me esquecer? Durante semanas só falavas do Chuck e da Blair, da Blair e do Chuck, apesar de serem incrivelmente tóxicos — resmunga o Asher, que entretanto acabou de fechar a mala. Depois salta da cama e pousa o enorme volume no chão, onde tenho quase a certeza de que fica uma marca.

— Então também te lembras de como toda a gente estava sempre impecavelmente vestida. Recuso-me a parecer uma desleixada numa cidade como Nova Iorque.

— Era uma série, Sloane. E tu nunca pareces uma desleixada.

Baixo os olhos para as minhas calças de fato de treino verde-limão, largas demais — presas por um atacador preto desde que perdi o cordão na máquina de lavar —, enfiadas dentro de umas

meias felpudas às riscas vermelhas e brancas, e para a minha camisola aconchegante com uma árvore de Natal cujas luzes LED cintilam. Nem preciso de um espelho para saber que tenho a franja espetada em todas as direções e que o meu cabelo loiro, que me dá pelos ombros, já começou a escapar do rabo de cavalo frouxo e torto que fiz esta manhã.

Ergo uma sobranceira para ele, como quem diz: *A sério?*

Ele sorri.

— Está bem. Mas, se os nova-iorquinos ricos não gostarem de ti de camisa de flanela, então não te merecem de vestido.

— Sim, está bem. — Levo a mala pesada até ao canto do quarto. — Argh, gostava tanto que pudesses vir connosco.

— Eu também. Só estive em Nova Iorque uma vez. E foi por causa de um casamento, por isso mal vi alguma coisa para além da igreja. — O Asher põe-se de pé e enfia as mãos no bolso do hoodie. — Mas não posso ir embora agora que os meus pais estão prestes a abrir a Bramble Inn. Podem precisar da minha ajuda. Estão completamente assoberbados.

— Eu sei. Eu percebo. — Solto um suspiro. — *Odeio*, mas percebo.

O pai do Asher é um nipo-americano de segunda geração que cresceu no sul da Califórnia, e a mãe, uma mulher branca de baixa estatura e cabelo castanho, nasceu e cresceu em Bramble Falls. Conheceram-se na universidade, quando ambos estudavam Gestão Hoteleira, e casaram-se ainda novos. Sempre sonharam abrir a sua própria pousada, mas só recentemente decidiram arriscar e concretizar esse sonho. A Mrs. Yoshida despediu-se do seu emprego na receção de um hotel da vila ao lado e está agora a preparar a estalagem para a inauguração, enquanto o pai do Asher faz horas extraordinárias e viaja com frequência no seu emprego como vendedor de uma empresa distribuidora de palhinhas para bebidas. Estão a tentar juntar o máximo de dinheiro

possível antes de passarem ambos a dedicar-se à Bramble Inn a tempo inteiro.

— Tu e a Ellis vão divertir-se nesta viagem só de raparigas — diz o Asher.

— Sim, acho que sim.

Claro que ele tem razão: eu e a minha prima vamos divertir-nos imenso. E fazer uma viagem para uma cidade tão grande parece muito menos intimidante quando se vai acompanhado por uma nova-iorquina de gema. Não vou ter de me preocupar em perder-me, nem em deixar escapar as melhores pizzas e os melhores bagels, nem em descobrir as atrações mais interessantes, nem em perceber como funciona o metro. Basicamente, vou ter uma guia turística particular que terá todo o gosto em deixar-me passear pelo bairro dos teatros de olhos arregalados, na esperança de vislumbrar Lin-Manuel Miranda, Jonathan Groff, Meg Donnelly ou Jordan Fisher.

Ainda assim, gostava que o meu melhor amigo pudesse estar lá comigo.

— Já passaram *anos* desde a última vez que estivemos separados mais do que um fim de semana — digo-lhe, apercebendo-me de que a frase saiu mais lamechas do que pretendia.

— Huh. É verdade. — Os olhos castanhos dele cintilam quando acrescenta: — Não admira que esteja tão farto de ti.

— Ah-ah. — Dou-lhe um piparote na cabeça.

— Credo. — Afasta-me a mão. — És tão violenta.

— Mas adoras-me na mesma.

Ele franze o sobrolho.

— Isso está a começar a mudar.

— Mentiroso — desafio-o, pousando as mãos na cintura.

Ele atira-me a minha almofada contra o peito até eu a agarrar e, depois, puxa o edredão azul-claro da cama, enrolando-o à volta dos ombros como se fosse uma capa.



— Anda lá. — Dirige-se à porta do meu quarto. — Hora do filme.



Segundo a minha mãe, a Nora Ephron escreveu e realizou alguns dos melhores filmes de sempre e, se *Sintonia de Amor* serve de exemplo, ela tem toda a razão. Enroscada no sofá ao lado do Asher, meto um Starburst cor-de-rosa na boca no exato instante em que Annie e Sam finalmente se encontram no topo do Empire State Building, durante os últimos sete minutos do filme, cheios de tensão e absolutamente arrebatadores.

— Talvez eu conheça o amor da minha vida no topo do Empire State Building durante a minha estadia em Nova Iorque — digo, sonhadora.

Começam a passar os créditos e, tendo em conta que o Asher não responde, viro-me para o encontrar a separar os rebuçados que restam na taça, pondo todos os Starbursts cor-de-rosa de lado para mim.

— E como é que vais saber que ele é o amor da tua vida? — pergunta por fim. — As férias de Natal mal duram tempo suficiente para alguém se apaixonar.

— Acho que simplesmente vou *saber* — digo, encolhendo os ombros.

— Ah, já percebi. Portanto, estás a contar que aconteça um daqueles amores à primeira vista em Nova Iorque.

— Tu não acreditas nisso?

— Não tenho a certeza. Acho que é preciso tempo para saber se é amor. Caso contrário, pode ser apenas atração, sem verdadeiro potencial para se transformar em algo mais. Acho que uma amizade é uma base muito mais sólida do que uma paixão instantânea. — O Asher atira uma passa coberta de chocolate para a boca e olha para mim. — Mas o que é que eu sei? Continuo

solteiro. E, se o que tu queres é viver um momento romântico no topo do Empire State Building, vou fazer figas com todos os dedos das mãos e dos pés para que isso aconteça enquanto lá estiveres.

— Muito obrigada. — Desembrulho outro Starburst cor-de-rosa. — Espero que este hipotético rapaz do Empire State Building me ame incondicionalmente, porque tenho quase a certeza de que os meus dentes vão apodrecer. Ou cair.

— Tu sobrevivês à base de Pop-Tarts, bolachas e rebuçados, por isso, sim, provavelmente as duas coisas.

— Ei, eu comi um legume há duas semanas!

— Pizza não conta como legume — contrapõe ele.

— O molho conta. A senhora da cantina da escola disse que sim. Já tivemos essa conversa várias vezes.

— Por alguma razão, isso não me surpreende.

Ponho-me de joelhos no sofá, viro-me para a janela atrás de nós, abro-a e espreito para a noite fria e ventosa. A lua brinca às escondidas por detrás das nuvens cinzentas e fofas que deslizam diante de um céu repleto de estrelas cintilantes. Está uma noite perfeita.

O Asher aproxima-se e espreme-se ao meu lado.

— Hum, porque é que estamos com a cabeça de fora da janela?

— Porque estamos quase em dezembro!

Inspiro profundamente o ar e ofereço-lhe um enorme sorriso. O dia a seguir ao Dia de Ação de Graças é um dos meus preferidos do ano, porque marca, ainda que de forma não oficial, o início da minha estação favorita: o inverno.

— Sloane, não — diz ele e o canto da boca dele estremece.

— Pela centésima vez, tu não és a Lorelai Gilmore. Não consegues cheirar neve.

Ergo o queixo.

— Recuso-me a aceitar isso. E *vem* aí neve. Chama-lhe sexto sentido.

Ele abana a cabeça.

— Nesta altura do ano costuma estar frio e a chover. Não a nevar.

— Alguma vez me enganei?

Desta vez, deixa-se sorrir e os cantos dos olhos enrugam-se.

— Não, nunca te enganaste.

— Exatamente.

— Chama-se *sorte*. E não te esqueças de que ela costuma acabar. — Volta a meter a cabeça dentro de casa.

— Nem vou dignificar isso com uma resposta — digo, entrando atrás dele. Fecho a janela, enfio-me debaixo do edredão com o Asher e aconchego-me ao braço dele para lhe roubar o calor, como se ele fosse um aquecedor portátil.

Bramble Falls organiza o Festival das Folhas Caídas anualmente, com dois meses repletos de atividades dedicadas ao outono. Mas este ano, depois de os vídeos dos eventos se terem tornado virais na internet, acrescentámos mais um fim de semana em novembro. E agora que aquelas festividades maravilhosas, mas esgotantes, terminaram, e a produção de outono do clube de teatro também — o que significa que já não tenho ensaios intermináveis —, e o stress dos preparativos do Dia de Ação de Graças e do próprio dia, cheio de convívio e estímulos, finalmente passou, é isto, literalmente, que me apetece fazer: *nada*.

Porque, apesar de ser extremamente sociável e de adorar ajudar a minha mãe a organizar os eventos de Bramble Falls, por vezes uma rapariga precisa simplesmente de uma pausa. E é para isso que serve dezembro: ficar estendida no sofá com o Asher, ver filmes, dormir até ao meio-dia aos fins de semana, ouvir música de Natal e absorver toda a alegria própria desta época do inverno.

E, claro, visitar Nova Iorque pela primeira vez.

O Asher boceja.

— Acho que está na hora de ir para casa.

— Mas eu estou quentinha — respondo, fazendo beicinho.

— Se quiseres, posso aconchegar-te na cama — brinca ele.

— Cala-te. Eu não sou uma criança.

— Pois não, tu só queres que eu fique aqui sentado a olhar para a parede a noite inteira para aproveitares o meu calor.

— Claro que não. Isso seria uma falta de educação. Na verdade, deixava que olhasses para a televisão.

O Asher ri-se e afasta-me delicadamente enquanto se levanta.

— Está beeeem — cedo, seguindo-o até à porta da entrada.

Ele calça as botas, veste o casaco e vira-se para mim.

— Vejo-te amanhã?

— Naturalmente. — Abro-lhe a porta e estremeço quando o ar gelado invade a casa. — Agora desaparece antes que eu morra de hipotermia.

— És tão mandona.

— Adeusinho! — Aceno-lhe e praticamente o empurro para a rua. — E feliz primeiro dia de inverno!

— O primeiro dia *não oficial* do inverno — corrige ele.

— Tanto faz, Scrooge. Manda-me mensagem quando chegares a casa.

Ele ergue a mão para me dizer que ouviu o meu pedido enquanto desce os degraus do alpendre aos saltinhos, e eu fecho a porta.

Depois de desligar a televisão e pegar no edredão, subo para o meu quarto e deixo-me cair na cama. Os meus pensamentos, já lentos devido ao sono, continuam presos a *Sintonia de Amor*, detendo-se na ideia de nos apaixonarmos por alguém sem o conhecermos realmente — sem que essa pessoa nos conheça verdadeiramente a nós.

O filme foi adorável e eu quero acreditar no amor à primeira vista. Mas será que o Asher tem razão? Será uma ideia completamente absurda?

Estou quase a adormecer quando a porta do meu quarto se abre.

— Boa noite, ainda estás acordada? — pergunta a minha mãe. A voz soa mais aguda do que o habitual e o cabelo loiro não está muito mais apresentável do que o meu.

— Nem por isso — murmuro.

— Está bem, desculpa. Só queria avisar-te de que amanhã de manhã vamos ter uma reunião de emergência da comissão de turismo.

Sento-me na cama de um salto. Reuniões de emergência nunca são boas notícias.

— Porquê?

— Explico-te amanhã. Preciso que estejas lá — diz simplesmente. — Boa noite, Sloane. Vê se descansas.

Conheço demasiado bem aquela expressão no rosto dela: aquela mistura de pânico e entusiasmo. É a expressão das ideias, dos planos e do *caos*. É a promessa de noites sem dormir.

Ela recua para o corredor, a porta fecha-se com um clique atrás dela, e eu volto a deitar-me, de olhos postos no teto, a pensar no que me espera amanhã.





Capítulo Dois

— *C*amei-vos aqui hoje, porque, como sabem, o Festival das Folhas Caídas deste ano foi um sucesso extraordinário — começa a minha mãe na manhã seguinte, olhando para cada um dos habitantes de Bramble Falls reunidos à volta da mesa da nossa cozinha e espalhados pelo resto da divisão. — Desde o último fim de semana do festival, os vídeos dos eventos de outono da nossa vila continuam a tornar-se virais. Recebemos mais visitantes no final de novembro do que em qualquer outro ano, e as lojas e os restaurantes estão a registar vendas superiores às dos anos anteriores. As pessoas querem fazer escapadinhas para uma vila pitoresca como a nossa.

Alguns membros do comité de turismo aplaudem, e a minha mãe faz um aceno de cabeça.

Esta manhã parece menos atarefada.

Veste umas calças cáqui de estilo business-casual e uma camisola branca, e o cabelo está apanhado numa elegante trança francesa.

— Sim, isto é uma ótima notícia, não é? E é precisamente por isso... — faz uma pausa e sorri, prolongando o suspense — que vamos organizar o Festival dos Flocos de Neve!

Todos ficam a olhar para ela num silêncio atônito, até que o entusiasmo da mãe se esvai visivelmente, e o brilho nos seus olhos azuis se apaga.

Por fim, a Helen Grant, a florista da vila, pigarreia:

— Senhora Presidente...

— Por favor, Helen, podes tratar-me por Naomi — interrompe a minha mãe.

— *Naomi*, o que estás exatamente a propor? — pergunta ela.

A minha mãe volta a animar-se.

— Bem, à semelhança do Festival das Folhas Caídas que organizamos todos os outonos, imaginei uma série de atividades divertidas, abertas ao público, todos os fins de semana, culminando num grande dia de festival. Ontem à noite imprimi um calendário... — a amiga dela, a Amanda, pega numa pilha de folhas de cima do balcão e começa a distribuí-las por todos — e assinalei as datas em que acho que devemos realizar os eventos.

A Helen coloca os óculos de leitura e observa a folha.

— Este calendário é de dezembro.

— *Dezembro*? — exclama o dono da livraria, por cima do burrinho que se instala na sala. — Porque não fevereiro?

— Fevereiro é demasiado deprimente — responde a minha mãe, como se a sugestão fosse completamente descabida.

— Mas dezembro é daqui a *dois dias*! — protesta o Forrest, o dono da loja de ferragens e faz-tudo oficial da vila. Passa a mão pelo cabelo grisalho. — Inacreditável... — resmunga.

Mordo o lábio perante o alvoroço e aceito um calendário das mãos da Amanda.

— Eu sei, eu sei. Compreendo as vossas preocupações.

A sala acalma quando a minha mãe ergue as mãos para silenciar toda a gente.

— Ouçam, Bramble Falls está finalmente no mapa. Este é o momento de aproveitarmos toda esta atenção. Se podíamos

adiar tudo para fevereiro e ganhar mais tempo para preparar? Podíamos. Mas quem nos garante que, nessa altura, o foco não esteja já na próxima vila encantadora? Bramble Falls está a viver o seu momento. As pessoas estão fascinadas connosco. Seria irresponsável não aproveitarmos a época festiva. Dezembro significa luzes de Natal e a Peach Street decorada com grinaldas de pinheiro. A imagem é *perfeita*.

Ao olhar para o calendário, franzo o sobrolho.

— Isto está praticamente em branco. Tirando o festival propriamente dito, marcado para o último sábado do mês, só aparecem aqui a habitual cerimónia de iluminação da árvore, no primeiro fim de semana, e o Baile da Neve da Véspera de Natal que acontece todos os anos.

A minha mãe aponta para mim.

— Excelente observação, Sloane. Na verdade, foi precisamente por isso que quis que estivesse aqui. — Bate palmas, entusiasmada. — Se queremos que isto resulte, vamos precisar da ajuda de toda a gente. Por isso, gostava que reunisses os teus amigos para uma sessão de brainstorming. Quero saber que ideias têm para preencher este calendário vazio. Atividades que nos custem pouco, mas que tragam dinheiro e visibilidade para a vila. Nós também vamos pensar em propostas, claro, mas tu és muito criativa e a Ellis e o Cooper fizeram um trabalho fantástico com a Caça da Colheita neste outono... Quanto mais cabeças a pensar, melhor.

Sinto o meu peito a apertar-se e o coração a afundar-se como uma pedra. *E como é que fica a viagem a Nova Iorque?*

— Sim, tudo bem. Claro que ajudo — asseguro-lhe, engolindo a apreensão. — Vou marcar uma reunião com toda a gente.

— Excelente! — Volta-se novamente para o grupo. — O mesmo se aplica a todos nós. Já criei um documento partilhado onde podemos acrescentar ideias. Portanto, hoje vamos todos pensar em propostas e amanhã de manhã votamos nas melhores.

— Amanhã de manhã? — pergunta a Mrs. Yoshida, a mãe do Asher. — Isto está a acontecer tudo tão depressa.

— Como o Forrest fez questão de salientar com tanto entusiasmo, dezembro é daqui a dois dias. Temos de nos despachar. Assim que escolhermos os eventos, trato de os agendar e publicar tudo no site de Bramble Falls. Depois podemos começar a organizá-los e a promovê-los.

Ficamos todos a olhar uns para os outros.

— Obrigada pelo vosso apoio e entusiasmo. Dou a reunião por terminada! — diz a minha mãe com um sorriso radiante.

Enquanto todos vestem os casacos, resmungando entre si sobre o quão atarefado este mês vai ser, a minha mãe junta-se a mim num canto da cozinha.

— Muito obrigada por teres aceitado ajudar.

— Não tens de agradecer — respondo-lhe.

— Ouve, eu sei que tens planeado ir a Nova Iorque nas férias de Natal. Nunca te impediria de fazer essa viagem. Pelo menos não por causa disto. Mas agradeço mesmo a tua ajuda, por isso, só para que saibas, se decidires ficar, vou amar-te para sempre.

— Vais amar-me para sempre de qualquer maneira.

— É verdade, mas talvez te ame um bocadinho menos se fores — responde ela, sem deixar qualquer dúvida sobre a quem fui buscar o sarcasmo e as respostas espirituosas.

— És cruel.

Ela envolve-me num abraço.

— Agora a sério. Se continuares a querer ir, está tudo bem. Eu consigo tratar disto sem ti, por isso não quero que te sintas obrigada a ficar.

Mas sinto! É o que me apetece gritar. Porque um festival novo, com vários eventos ao longo do mês, é uma tarefa *gigantesca*. E, mesmo que ela consiga organizar tudo sozinha, vai passar dezembro inteiro num estado de stress permanente. Ela *precisa* de mim.

A minha mãe afasta-se e deixa cair os braços ao longo do corpo.

— Ah, e vê se a Ellis consegue pedir à Fern para partilhar algumas novidades ou atualizações nas redes sociais dela.

— Claro.

A Fern Berry é a melhor amiga da Ellis em Nova Iorque. É uma criadora de conteúdos que praticamente se tornou famosa pelas suas críticas a restaurantes. Os vídeos que publicou sobre o Festival das Folhas Caídas acumularam imensas visualizações e são precisamente a razão pela qual Bramble Falls está agora a atrair a atenção de tanta gente.

Por isso, resumindo, a culpa de eu provavelmente não poder ir a Nova Iorque é dela. Por muito que tenha gostado dela quando a conheci, talvez agora tenha de a odiar.

Enquanto a minha mãe arruma os queques que sobraram e guarda os pacotes de sumo de laranja no frigorífico, pego no telemóvel e crio uma conversa de grupo.

Eu

Reunião obrigatória no diner, hoje às 13h.

Depois subo para o meu quarto e começo a desfazer a mala roxa convencida.



Bramble Falls está estranhamente silenciosa para uma tarde de sábado. Já não se ouve o som das crianças a brincar nos montes de folhas; já não há rostos familiares sentados nos alpendres a beber chá e a trocar cumprimentos animados; os aromas a canela e sidra já não chegam do centro da vila, misturados com o cheiro terroso do outono. Talvez me tenha simplesmente habituado à agitação do festival que agora terminou, porém, ao percorrer

os dois quarteirões até ao diner, tudo me parece um pouco *deprimente*. As árvores quase despidas e o céu cinzento e baço só deixam o meu estado de espírito ainda mais sombrio.

Puxo o gorro para baixo até me tapar as orelhas e escondo os dedos dormientes dentro das mangas do meu casaco vermelho-rubi, tentando proteger-me da aragem cortante. Está um frio invulgar para o fim de novembro, o que, normalmente, não me incomodaria — porque inverno! —, mas hoje só me faz pensar se não será um mau presságio da Mãe Natureza.

Quando chego ao centro da vila, um grupo de quatro senhoras idosas — carinhosamente conhecidas pelos habitantes como as Gossip Girls — passeia pela praça. Estão todas bem agasalhadas, enquanto bebericam o café do Gato Cafeinado, o café com gatos da vila. Falam em voz baixa, mas com evidente entusiasmo, comentando as últimas novidades de Bramble Falls. Tenho a certeza de que, a esta altura, já ouviram falar do novo festival. Aceno-lhes ao longe e apresso o passo para entrar no diner antes que tenham oportunidade de me fazer um interrogatório.

Assim que entro, sou recebida por uma lufada de ar quente e pelo cheiro a comida frita. Passo pelos compartimentos vazios, com os bancos de vinil vermelho rasgados a precisarem desesperadamente de algum cuidado, e aproximo-me dos meus amigos, que já juntaram várias mesas junto às janelas do fundo e riem às gargalhadas.

— Sloane! — exclama o Jake, enquanto pouso o casaco e a mala nas costas da cadeira vazia ao lado do Asher. — Já soube-mos da novidade e estamos preparados.

— Ai sim? — Sento-me e escondo as mãos debaixo das coxas, tentando aquecer os dedos. — Ainda bem, porque temos muito trabalho pela frente.

— Oh, eu queria dizer que estamos preparados para comer batatas fritas e ver-te a ti e à Ellis resolverem tudo.



Lanço-lhe um olhar reprovador, e a Ellis ri-se enquanto tira da mochila um caderno, uma caneta e um conjunto de notas adesivas de várias cores.

O Jake está no 12.º ano, um ano à minha frente, e é irritantemente bonito, com olhos azul-claros e cabelo louro-escuro, comprido no topo e rapado dos lados num degradê impecável. Apesar da arrogância insuportável, é um querido. Sorri-me, exibindo os seus dentes brancos perfeitos.

— Estou a brincar! Todos sabemos que vocês não conseguiam organizar isto sem mim.

Do outro lado do Asher, a Chloe, também do último ano, atira o longo cabelo loiro para trás do ombro e murmura:

— Isso, sim, é que deve ser uma piada.

— Tanto faz. Eu ofereço um apoio moral sem igual — insiste o Jake, recostando-se na cadeira. A camisola azul de manga comprida da Escola Secundária de Bramble Falls fica repuxada sobre o seu tronco musculado.

A Ellis faz-lhe uma festinha na cabeça, como se ele fosse um cão.

— Sim, Jakey. Claro que ofereces.

Percorro as sete cadeiras com o olhar até reparar numa vazia.

— Onde está a Hannah?

A minha amiga Preeti encolhe os ombros.

— Ela disse que vinha.

— Okay. Bem, vamos começando sem ela. Conhecendo-a, chega pelo menos meia hora atrasada.

— Espera lá. A Hannah pode faltar, mas eu tenho de estar aqui? — resmunga o Slug, com o cabelo castanho-acinzentado sobre os olhos.

— Ei, eu não te obriguei a vir — digo-lhe.

— Foi o Jake que o arrastou para cá — explica o Cooper, o namorado da Ellis.

O Slug cruza os braços robustos sobre o peito e franze o sobrolho.

— Literalmente.

— Se estivesse à espera de que viesses, tinhas sido incluído na conversa de grupo — respondo.

— O quê? Há uma conversa de grupo? — pergunta o Slug.
— Sinto-me ofendido.

Solto um suspiro.

— Nunca te ofereceste para ajudar em nenhum evento de Bramble Falls. Nem sequer quando o teu treinador de futebol tornou isso obrigatório.

— Isso não interessa — contrapõe ele. — Ainda assim, gostava de receber um convite para poder recusá-lo, sem o mínimo arrependimento.

A Ellis larga a caneta em cima da mesa e enfia as mãos no cabelo castanho e espesso.

— Tenho a sensação de que não vamos conseguir fazer absolutamente nada nesta reunião.

— Não — diz o Asher com firmeza. — Vamos ser produtivos. Porque todos vocês se vão calar e deixar a Sloane falar. — Lança um olhar ao Slug, que deve pesar uns vinte e cinco quilos a mais do que ele. Ainda assim, o Slug levanta as mãos em sinal de rendição.

Lanço ao Asher o olhar mais agradecido que consigo.

Depois de fazermos os pedidos, começamos finalmente a trabalhar. Explico a situação, embora, como o Jake disse, todos já a conheçam, porque numa vila tão pequena como Bramble Falls não existem segredos. Para minha surpresa, não só toda a gente parece entusiasmada, como também veio preparada com ideias.

Estamos prestes a começar a apontá-las quando a Hannah irrompe pelo diner dentro, sem casaco, com um gorro cinzento sobre o cabelo castanho ondulado e umas calças de ganga justas a

moldarem-lhe as curvas. Atravessa a correr o chão de mosaicos em xadrez preto e branco.

— Desculpem o atraso. — Ofega. — O meu carro não pegava.

— Miúda, o teu carro nunca pega. — Rio-me. — Se calhar está na altura de comprares outro.

— Não tenho um tostão. — Senta-se na cadeira vazia, rouba o batido de morango da Preeti e bebe um gole. — Mas chega de falar de mim. Em que ponto estão?

A Ellis bate com a caneta no caderno.

— Ideias para eventos de inverno.

— Esperem — interrompe o Jake, arrancando um coro de gemidos. — Calma. Só queria saber se vamos incluir a Fern nesta reunião.

— Porque é que havíamos de fazer isso? — pergunta a Ellis.

Quando a Fern visitou Bramble Falls durante o Festival das Folhas Caídas, no início do mês, Jake ficou completamente fascinado por ela. Passaram alguns dias a trocar olhares e a namoriscar antes de ela regressar a Nova Iorque e, desde então, o Jake aproveita qualquer pretexto para lhe enviar mensagens.

— Porque foi graças a ela que isto aconteceu? Porque talvez tenha boas ideias? — O Jake recosta-se na cadeira, tentando parecer descontraído. Mas nenhum de nós se deixa enganar.

— Na verdade, a minha mãe pediu-me mesmo para ver se a conseguíamos envolver, por isso...

O Jake endireita-se num ápice e tira o telemóvel do bolso antes de eu acabar a frase.

— Faço-lhe uma videochamada.

Move as sobrancelhas para cima e para baixo de forma sugestiva, e o Cooper desata a rir enquanto o telemóvel chama. Os dois são melhores amigos e, apesar de as coisas se terem complicado entre eles no mês passado, quando ambos andavam interessados na Ellis, parece que tudo voltou ao normal.

E ainda bem, porque eu lido pessimamente mal com tensão, desentendimentos e confrontos.

— Hum, olá...? — atende a Fern, claramente surpreendida por ver o nome do Jake no ecrã. — O que se passa?

O Jake sorri de forma tão exagerada que destrói qualquer tentativa de parecer natural.

— Achei que devias estar com saudades da minha cara bonita. A Fern ri-se.

— Tinhas razão. Estava aqui sentada a olhar para o telemóvel, à espera da tua chamada.

— Não te censuro.

A Fern solta uma gargalhada divertida e, apesar de eu não conseguir ver o ecrã, tenho quase a certeza de que está a revirar os olhos.

Deixo cair a cabeça sobre a mesa, espalhando o cabelo à minha volta. Estamos aqui há 20 minutos e ainda nem começámos a sessão de brainstorming. À minha esquerda, o Asher aperta-me a mão por debaixo da mesa, com suavidade.

— Malta, por favor — diz para todo o grupo. — Temos imenso para fazer. Podemos simplesmente... começar a trabalhar?

— Estamos a planear atividades para um festival de inverno — explica o Jake à Fern. — Pensámos que talvez nos pudesses dar uma ajuda.

— Oh! Que giro. O que é que já têm pensado? — pergunta ela.

O Jake encosta o telemóvel a um dispensador de guardanapos em aço, no centro da mesa, para que a Ellis também caiba no enquadramento.

— Bem, lembro-me de ouvir falar de um Baile da Neve — começa a Ellis.

— Sim, esse acontece todos os anos, por isso já temos um evento garantido — confirmo. — Também fazemos sempre um



concurso de decorações de Natal, em que premiamos a casa com as melhores luzes e decorações exteriores. Mas não é propriamente um *evento*. E a cerimónia anual de iluminação da árvore realiza-se sempre no dia 1 de dezembro.

— Bramble Falls é tão incrivelmente adorável. — A Fern sorri. — Muito bem, que mais?

Mordo o lábio.

— Mais nada.

— Mas estamos só a começar a sessão de brainstorming — acrescenta o Jake, numa tentativa de me tranquilizar.

— Certo... então... — A Fern faz uma pausa para pensar. Depois: — Há pouco tempo fiz uma crítica a um restaurante onde tinham cartões com Desejos de Inverno pendurados nas paredes. Estava a pensar que vocês podiam fazer algo parecido. Talvez comprar um monte de bolas de Natal transparentes, e cada pessoa escrevia um Desejo de Inverno num pedacinho de papel e colocava-o lá dentro. Depois podia decorar a bola como quisesse antes de a pendurar na árvore durante a cerimónia oficial de iluminação.

— Oh, meu Deus, isso é absolutamente adorável! — exclamo, quase aos guinchos. — E dava às pessoas alguma coisa para fazer, em vez de ficarem simplesmente paradas a beber chocolate quente, como acontece todos os anos.

— Adoro essa ideia — diz a Ellis, apontando-a no caderno, organizado por cores a combinar com a camisola cor-de-rosa pastel que tem vestida.

— Pegando um bocadinho na ideia dos trabalhos manuais — continua o Asher, estalando os nós dos dedos, como faz sempre que está a pensar em alguma coisa —, e se organizássemos um mercado de Natal num dos fins de semana? Os habitantes de Bramble Falls podiam montar bancas na praça e vender artesanato natalício. Quero dizer, pensem nas meias de Natal para

animais de estimação e nos gorros verdes e vermelhos para bebês que a Mrs. Carver está sempre a tricotar. Ou nos pequenos coristas de cerâmica que as Gossip Girls pintam.

— Ou nas placas de Natal para colocar nos alpendres que o meu tio faz — acrescenta a Chloe.

— E aposto que podíamos imprimir os teus trocadilhos natalícios em t-shirts, Sloane — sugere o Asher.

— Ahhh, isso seria tão divertido! — digo, verdadeiramente entusiasmada com a ideia.

— Sim. Todas as pessoas da vila podiam vender aquilo que fazem — concorda a Ellis. — E os negócios locais podiam decorar as lojas de acordo com o tema. Por exemplo, na loja de ferramentas podiam pendurar ferramentas e mini lanternas na árvore de Natal; o Gato Cafeinado podia decorar com mangas para canecas de café e os bolos do Cooper...

— E gatos — acrescenta o Slug, com a expressão completamente séria.

— Podes fazer o favor de te calar? — responde a Ellis.

O Slug desata a rir.

— Estava só a brincar. Mas, já que pediste com tanta educação... — Finge fechar a boca com um fecho-éclair.

— O evento inteiro ia atrair pessoas, gerar receitas e, ao mesmo tempo, deixar a vila ainda mais bonita e festiva — continua a Ellis.

— Podemos falar com os Grants para nos arranjarem plantas de Natal da Caixa em Flor — sugere a Preeti. — Depois distribuímos pelos estabelecimentos e decoramos a vila com elas.

— Sim! Vamos cobrir este lugar de poinsettias e azevinho. É uma excelente ideia. — Já começo a fazer mentalmente uma lista de tarefas. — Esta semana passo pela loja deles.

— Talvez pudéssemos ter um grupo de cantores de Natal a cantar durante algumas horas no coreto — sugere o Slug.

— Estou completamente obcecada com essa ideia! — exclama a Fern através do altifalante.

— Eu sabia que virias a ser útil — diz o Jake. O Slug revira os olhos.

Olho para o Asher.

— Aposto que o coro aceitava participar num dos eventos.

Ele acena com a cabeça.

— No ano passado fizemos uma atuação de Natal no hospital pediátrico — explica ele ao grupo —, por isso provavelmente conseguimos reutilizar esse repertório com poucos ensaios.

— Perfeito — diz a Hannah.

A Ellis continua a tomar notas.

— E, Ash, como a Bramble Inn está quase a abrir, talvez pudéssemos dar-lhe algum destaque — sugiro. — Achas que os teus pais estariam dispostos a organizar lá um convívio no solstício de inverno?

— Vou perguntar, mas tenho quase a certeza de que iam adorar fazê-lo.

Toda a gente continua a lançar ideias até reunirmos uma lista bastante sólida de possibilidades, incluindo um concurso de bonecos de neve, uma noite de cinema ao ar livre na praça, uma sessão de observação das estrelas e uma celebração do solstício de inverno. Amanhã, a comissão de turismo vai apresentar as suas próprias propostas e todos votarão nas que devem avançar. Depois disso, a minha mãe tratará de elaborar o calendário.

E então, que o verdadeiro caos da organização comece.

Quando todos acabam de comer, agradeço-lhes por terem vindo e o grupo dispersa, deixando-me sozinha à mesa. Solto um suspiro e tento afastar a onda de sentimentos incómodos que começa a formar-se dentro de mim.

Como filha da presidente da câmara, cabe-me representar Bramble Falls com um sorriso no rosto. E, na verdade, isso

costuma resultar bem, porque sou uma otimista incurável e prefiro esconder as coisas más debaixo do tapete.

Mas, meu Deus, eu queria mesmo ir a Nova Iorque.

— Estás a pensar passar aqui a noite? — pergunta o Asher, regressando ao diner. — Se quiseres, posso ir buscar-te um saco-cama.

Forço um sorriso, e ele senta-se na cadeira ao meu lado.

— Estás bem?

— Estou. Só me sinto um bocadinho assoberbada — digo-lhe.

A voz dele suaviza-se:

— Talvez ainda consigas ir.

Ainda nem sequer tínhamos falado sobre as implicações deste festival na minha viagem. Mas o Asher simplesmente *sabe*.

Abano a cabeça.

— Acho que isso é o que se chama positividade tóxica.

— Pois, tens razão. Desculpa.

— Tanto faz, não há problema. Isto vai ser divertido. — Tento convencer-me disso enquanto o digo.

— Mas isso já não é positividade tóxica?

— Não. É *procurar o lado positivo das coisas*.

O Asher franze o sobrolho.

— Sabes que não tens de fingir à minha frente.

Pestanejo para conter as lágrimas que começam a arder-me nos olhos, porque nunca ninguém disse uma coisa tão verdadeira. O Asher é o meu porto seguro, o lugar onde posso ser exatamente quem sou, sem sentir culpa nem egoísmo por admitir que o sucesso de Bramble Falls também tem consequências para mim.

— Queria tanto patinar no gelo no Rockefeller Center — murmuro.

— Eu sei.

— E ver a Estátua da Liberdade, Times Square, o Empire State Building, o Central Park e o raio da *Broadway*.



Ele segura-me na mão.

— Eu sei.

— E ver os artistas de rua.

Ele sorri.

— Isso, por acaso, não sabia.

— E jantar num daqueles iglus tão giros que montam cá fora.

— E agora já não faço a mínima ideia do que estás a falar.

— E, tipo, eu sei que podemos ir noutra altura — continuo.

— Mas Nova Iorque na época do Natal? Deve ser lindíssima. —

Suspiro. — Eu queria mesmo, *precisava* mesmo, de ir, percebes?

Eu adoro esta vila e adoro ajudar. Mas...

— Mas isto está a tornar-se a tua vida inteira, tal como aconteceu com a tua mãe — completa ele.

— Exatamente.

— E esta viagem teria sido uma forma de escapar.

Levanto os olhos para os dele. Mais uma vez, *ele percebe*. Aceno com a cabeça e limpo a lágrima teimosa que escapa pelo canto do olho.

O inverno sempre foi a minha estação preferida, mas nunca mais voltou a ser o mesmo desde que o meu pai morreu, há três anos. No primeiro dezembro sem ele, eu e a minha mãe estávamos demasiado destroçadas para celebrar o Natal. Nesse ano, ignorámos simplesmente as festividades. Desde então, aprendi a compartimentar as coisas e a desfrutar das melhores partes da estação — as partes favoritas *do meu pai* —, as luzes bonitas, a música de Natal, a vila coberta de neve, a alegria que paira no ar.

Mas as memórias dele continuam a assombrar Bramble Falls, despertando uma tristeza impossível de controlar nos momentos mais inesperados. Porque é isso que o luto faz: é imprevisível e instável. Insinua-se, contorce-se e sussurra. Explode, golpeia e grita. É uma ferida que se recusa a fechar, mesmo quando o sangue já não corre com a mesma intensidade. E esses golpes

inesperados de saudade acontecem com muito mais frequência durante o inverno, porque esta era a *nossa* estação — a minha e a do pai —, cheia de tradições, gargalhadas e um amor impossível de medir. O inverno é a época em que tudo me faz lembrar o que perdi quando o coração dele nos abandonou.

A minha relação com esta estação é complicada, por isso, sim, por muito que adore Bramble Falls, talvez fugir para Nova Iorque significasse muito mais do que simplesmente conhecer a cidade.

O Asher limpa outra lágrima que nem me tinha apercebido de ter caído.

— Okay, e se fizermos assim? — propõe. — E se formos a Nova Iorque nas férias da Páscoa? Nessa altura a Bramble Inn já estará a funcionar em pleno, por isso também devo poder ir contigo. Eu sei que não é na época do Natal e que não é a fuga de que precisas neste momento, mas já não falta assim tanto tempo. E vai estar mais calor.

— A Ellis provavelmente ia adorar essa ideia. Pareceu até aliviada quando lhe liguei depois da reunião para lhe dizer que não podíamos ir agora...

Desde a discussão que teve com o pai no mês passado, ela não anda propriamente com vontade de regressar a Nova Iorque. Mudou-se para Bramble Falls no outono, quando os pais se separaram, mas só decidiu *ficar* depois de descobrir que o pai tinha traído a família. Ainda assim, estava disposta a voltar lá por minha causa.

— Sim, está bem — concluo. — Uma viagem só de raparigas teria sido divertida, mas, na verdade, prefiro visitar a cidade pela primeira vez contigo.

— Ótimo. Então está decidido. Agora vamos beber um chocolate quente ao Gato Cafeinado. Vamos precisar de energia para os preparativos da cerimónia de iluminação da árvore, porque vamos passar a noite inteira a trabalhar. — O Asher levanta-se e

puxa-me pela mão antes que eu consiga responder. — E, olha, eu sei que tens sentimentos complicados em relação a este mês, mas vamos aproveitar ao máximo o facto de ficarmos por cá. Vamos criar memórias novas. Memórias felizes. Está bem?

Lanço-me para os braços dele.

— Porque é que és tão bom para mim?

— Porque sou incrível. Tiveste mesmo muita sorte em ter-me como melhor amigo — responde, e consigo ouvir-lhe o sorriso na voz.

— Agora estás a falar como o Jake — murmuro, com o rosto escondido no casaco dele.

— Retira o que disseste — exige, dando um beliscão no meu braço.

Aperto-o ainda mais nos meus braços.

— Nunca. — Acabo por largá-lo e pego no casaco. — Obrigada.

— Não preciso de explicar pelo que lhe estou a agradecer.

— De nada.

— Gosto muito de ti.

Ele oferece-me o sorriso mais doce.

— Eu sei.

Saímos para o frio e, pela primeira vez desde que a minha mãe anunciou, à última da hora, o Festival dos Flocos de Neve, já não sinto aquele peso de angústia. Sim, estou de coração partido por não ir a Nova Iorque, mas um dia hei de lá chegar. E, como sempre, o Asher será o meu porto seguro enquanto me agarro às memórias cheias de saudade e começo a criar outras. Com ele ao meu lado, a impedir que me deixe arrastar pelos meus pensamentos e a garantir que nunca me falta a minha dose diária de açúcar, vou ajudar a minha mãe a organizar o dezembro mais extraordinário que Bramble Falls alguma vez viveu.



Bramble Falls vai realizar o seu primeiro festival de inverno!

O Natal é a melhor altura do ano e Sloane está entusiasmada por ajudar com o novo festival. Mas quando o irresistível jogador de hóquei Micah aparece no seu radar, ela dá por si um pouco distraída. De repente, Sloane sente-se confusa em relação a Micah... e ao seu melhor amigo, Asher.

Será que a magia do Natal a vai ajudar a descobrir por quem bate realmente o seu coração?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretssocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-596-170-2



9 789895 961702